

O SERTÃO AZUL: REPRESENTAÇÕES DO NORDESTE OITOCENTISTA

Raíssa Barbosa da Costa

Universidad Nacional de Tres de Febrero, raissabcosta@gmail.com

Resumo do artigo: O presente artigo é resultado de estudos, reflexões e pesquisas articuladas ao Projeto de Mestrado “As Cores da Mata Branca”, desenvolvido junto ao Programa de Pós Graduação em História, da Universidade Federal de Campina Grande. Concluída em 2013, a pesquisa, que buscou reunir e analisar imagens produzidas acerca do sertão das caatingas nordestinas, no finais do século XVIII e início do século XIX, nos possibilitou estudar a região, pelo olha histórico, a partir de diferente fontes historiográficas, assim, utilizamos para este trabalho os relatórios científicos produzidos entre os anos de 1794 e 1799, pelo naturalista luso-brasileiro Manuel Arruda da Câmara, como também o diário de viagem do itinerante britânico Henry Koster, produzido entre os anos de 1810 e 1811, quando realizou um percurso pelos sertões de Pernambuco, Paraíba, Rios Grande do Norte e Ceará. Contudo, para refletir sobre algumas das características do sertão da mata branca, selecionamos para análise, as imagens e descrições que fazem referência a questão das águas (como as chuvas, os rios, ribeirinhos, cacimbas, lagoas, solo e em termos mais atuais, à evapotranspiração, dentre outros). Por fim, presente artigo, encontra-se constituído de dois subtópicos: *A caatinga em perspectiva*, no qual tratamos de compreender o lugar sobre o qual nos dispomos a estudar e *Da seca às cheias: a água nos sertões das caatingas*, no qual elucidamos no trabalho a relação homem e natureza, com base na perspectiva da História Ambiental, além as particularidades da paisagem que é a das caatingas do nordeste, através dos diferentes olhares dos viajantes para o aspecto primário que dá vida ao ambiente, a água.

Palavras-chave: História Ambiental, Viajantes, Século XIX, Sertão, Caatinga.

O que vem a mente quando se pensa em Nordeste, e mais especificamente em Sertão, é uma região abandonada, seca e desprovida de beleza, com baixos níveis de densidade populacional, devido ao clima semiárido e à vegetação de Caatinga. Cristaliza-se, então, uma memória social que ao longo do século XX, assume várias nuances, mas a base dedutiva causal é sempre a mesma: seca/atraso.

(Maria Lucinete Fortunato; Mariana Moreira Neto, *De como lembrar o semiárido e esquecer o sertão*, 2010).

O Sertão Azul é o sertão das águas, é o sertão das caatingas. Começamos o presente capítulo com uma afirmação que de maneira quase instantânea, leva-nos de encontro a uma série de discursos, ideias, imaginários, etc., que como afirmam Fortunato e Moreira Neto, supracitadas, têm mantido compreensões que aproximam tanto o Sertão da seca, que estes acabam sendo lidos como sinônimos. Destarte, partiremos para demonstrar que para além de ausência da água em longos períodos de estiagens, o sertão é o lugar das enchentes, das chuvas torrenciais e da vida.

Não buscaremos, todavia, maquiar quaisquer imagens que nos apareça e que nos remetam as ausências da água, e sim, traremos numerosos relatos de uma terra quente e seca aos olhos dos viajantes Manuel Arruda da Câmara e Henry Koster, que assim a reconheceram e descreveram consideráveis vezes, construindo imagens, mas, que por outro lado, também foram desconstruídas e reticadas, pelos mesmos viajantes, em muitas outras descrições cuja quentura do solo dá lugar à água aquecida pelo sol do sertão.

No corrente artigo, buscaremos observar mais detalhadamente o ambiente do sertão das caatingas do Nordeste, apresentando uma discussão das características gerais desse espaço e como este é apresentado em plano geral pelos viajantes em apreço. Localizando as perspectivas e concepções de Manuel Arruda da Câmara e Henry Koster sobre essa paisagem, atentaremos, todavia, de maneira mais específica aos pontos relacionados à água, seja em sua presença ou ausência. Encontramos, assim, dois sertões.

A mata branca em perspectiva

A caatinga foi assim denominada pelo aspecto que sua flora adquire nos períodos de estiagem. Conforme já elucidamos na introdução deste trabalho, caatinga deriva do tupi e significa mata branca. Perdendo a folhagem verde, para diminuir a perda de água pelo processo de evapotranspiração¹, seus troncos e galhos entram em um processo de hibernação e sua coloração se aproxima de um cinza frio. Esses tons são os que mais caracterizam a região na maioria dos discursos a seu respeito, tomando o foco das discussões, esquece-se de que esta tonalidade é apenas um mecanismo de sobrevivência, um estágio, uma característica temporária, sobre a qual discutiremos ao longo do trabalho.

¹ A evapotranspiração é a forma pela qual a água da superfície terrestre passa para a atmosfera no estado de vapor, tendo papel importantíssimo no Ciclo Hidrológico em termos globais. Esse processo envolve a evaporação da água de superfícies de água livre (rios, lagos, represas, oceano, etc), dos solos e da vegetação úmida (que foi interceptada durante uma chuva) e a transpiração dos vegetais.

Na literatura de viagem escrita muito anteriormente ao próprio conhecimento científico das características naturais dessa mata, encontramos descrições interessantes sobre a mesma, que muitas vezes parecem anteceder os discursos “acizentados”, que a construíram como o lugar da seca, da miséria, do “sem vida”.

Essa invenção de nordeste começa a se fazer como produto de uma indústria da seca, que podemos compreender aqui como sendo o conjunto de discursos que se utilizaram do “problema” das secas no Nordeste para a manutenção da estrutura oligárquica da região, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, da estiagem que ficou conhecida como “a grande seca” de 1877², que segundo a tese de Albuquerque Junior (1988), não teve grandes diferenças em relação a outras estiagens ocorridas na região e que já haviam sido registradas na literatura dos colonizadores, nem em termos de duração, que foi de três anos, nem em termos de intensidade, visto que “as chuvas esparsas que caíram durante os três anos evitaram a dizimação dos rebanhos” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1988, p. 21), destarte, o “problema” da seca de 1877 revela-se enquanto uma “estiagem de lucros”, mediante uma forte crise de mercado dos dois principais produtos de exportação da região: o açúcar e o algodão, atingindo mais do que a população em geral, o bolso dos latifundiários e coronéis do “Norte”.

Todavia, as imagens que discutiremos aqui partem de um período mais remoto, em que a própria concepção do que é o sertão das caatingas, apesar de aproximar-se muitas vezes, como já mencionamos, da percepção como “o lugar da seca”, apresentam categorias bem diversas, construídas na busca pelo conhecimento daquela paisagem.

A baixa pluviosidade e grande evapotranspiração das águas são fortes características da região em apreço, principalmente no território da depressão sertaneja, sobre a qual nos referimos na introdução deste trabalho. Tais considerações foram descritas por Manuel Arruda da Câmara, contudo, o que hoje chamamos de clima semiárido fora referenciado pelo naturalista como “mimoso”.

Onde não há esta multiplicidade de serras, e os campos são mais espaçosos, as chuvas não são tantas, a tempérie do ar é seca e quente, chamam de mimoso (CÂMARA, 1982, p. 128).

Apesar da descrição de Arruda da Câmara mostrar imagens de uma localidade envolta de serras, a compreensão do que seria o “mimoso” amplia-se ao observarmos a recorrência do termo para designar o próprio “sertão”. Urbino de Sousa Viana (1935), ao abordar a contribuição dos

² Albuquerque Junior (1988) nos apresenta ainda uma revisão bibliográfica de obras que afirmam que a seca de 1877 foi a primeira a chamar a atenção da população, dentre os títulos ele cita POMPEU, 1982 e FERREIRA, 1993.

baianos no processo de ocupação do interior brasileiro a partir do vale do rio São Francisco, considerando o itinerário do jesuíta André João Antonil e de Quaresma Delgado, que na década de 1730 foram designados a investigar e mapear o norte de Minas e o sertão da Bahia, menciona como o território chamado de “mimoso” foi importante para a extensão da atividade pastoril. Compreendido nesses termos como campo propício para a pastorícia, o “mimoso”, segundo o botânico Phillipp von Luetzelburg, seria um dos apelidos regionais ao campo das caatingas do Nordeste.

E além desses nomes que traduzem aspectos diferentes da mais ampla região geobotânica do Brasil, outros há que não são mais do que variantes, como sejam *mimosos*, *mondongos*, *catanduva* ou *catandiba*, *carrascos*, *carrascais*, *cerrados*, *cerradões*, *taboleiros*, *chapadas* etc., etc., que serão definidos em seus devidos lugares. (LUETZELBURG, 1923, p. 43)

Manuel Arruda da Câmara descreve o “mimoso”, mas também nos fala da Caatinga em si que para o naturalista:

Catinga, em todo o rigor do termo, entende-se por um terreno cheio ou coberto de uma espécie de cássia, não descrita ainda por Lineo, a que eu tenho dado o nome de *moscata*; mas lato modo também se chama catinga um terreno coberto de outro qualquer arbusto baixo, como é o marmeleiro, velame, *Broteria velame*, e tem-se generalizado tanto este nome que chama hoje catinga, em algumas partes, tudo o que não é vargem, inda que seja coberto de mata virgem (CÂMARA, 1982, p. 126).

Assim, apresentamos a seguir as paisagens descritas por Koster e por vezes analisadas nos relatórios de Arruda da Câmara, adentramos os sertões das caatingas, do mimoso, da seca e das cheias.

Das secas às cheias: a águas nos sertões das caatingas

Iniciaremos então com as palavras de Koster: “Entrava eu para o Sertão e este merecia o nome” (KOSTER, 1942, 123), que dá início a sua descrição da paisagem do sertão. Para ajudar a entendermos a afirmação do Henry Koster devemos pensar o termo “sertão”, sim, porém, indo além da significação deste como um lugar inculto, distante de povoações, da costa. Temos que buscar a compreensão que o viajante dispunha, pois ao afirmar que a região merecia o nome a ela designado, é porque encontrou ali elementos distintivos sobre os quais lera/ouvira antes. Uma imagem pré-existente, que pode ser formada também por palavras, cheiros e sons. Destarte, qual geografia imaginativa informara a sua visão do sertão? Quais elementos lhe permitiam dizer que a partir de determinado momento da travessia, cruzava os umbrais do Sertão?

Koster, como britânico, embebeu-se nas representações coloniais sobre a geografia do “outro”, dos espaços considerados não civilizados, em especial, dos Trópicos e do Oriente. Afinal, o relato de **Koster** insere-se num contexto de emergência de um observador moderno, assim como de estabelecimento do orientalismo moderno como discurso, cuja influência da estrutura de leitura e análise projeta-se para além do oriente geográfico.

É significativo que **Koster** pense o sertão a princípio, como derivado de deserto, hoje compreendida como uma das vertentes explicativas da origem do termo que atribui a palavra a uma corruptela de “desertão”, vocábulo que por sua vez, derivou-se da forma latina correspondente: *desertus* (interior, coração das terras) (BARROSO, 1947) ou ainda com origens no latim *desertanum*, lugar desconhecido para onde iria o desertor (NUNES, 1784)³. Todavia, trazendo uma imagem quase inerente de mistério e imprecisão, totalmente inóspita.

Na minha viagem de Goiana ao Ceará, tinha visto Pernambuco e províncias vizinhas ao norte em situação péssima por uma estação sem chuvas, mas a extrema penúria é produzida por dois anos sucessivos de estio. Durante o segundo ano os moradores morriam ao longo das estradas. Famílias inteiras se extinguíram. Vários distritos se despovoaram (KOSTER, 1942, p. 179).

A população em tempos de estiagem prolongada se deslocava em direção ao litoral, e muitos desses retirantes **Koster** encontrou nas proximidades da região de Lagoa Seca, Rio Grande do Norte⁴. Homens, mulheres, famílias inteiras moravam ao ar livre, pois as casas ainda estavam por serem construídas, já que residiam há pouco tempo na localidade. Estes eram retirantes das áreas que vinham sofrendo com a ausência de água, tornando a produção inviável naquele momento.

A migração presenciada e descrita pelo viajante foi compreendida pelo mesmo, momentos após sua caminhada sertão adentro, quando observou que o “curso do rio só era marcado pela depressão de seu leito e todo solo vizinho era um areal solto” (KOSTER, 1942, p. 123). As primeiras imagens do sertão das caatingas encontradas no relato de **Koster** são tocadas de desolamento, abandono e pouca vegetação, não muito diferente do que o próprio itinerante

³ O termo “Sertão” em Portugal veio sendo utilizado, segundo nos lembra Antônio Filho (2011), a partir da existência de uma vila em Portugal chamada “Sertã”, localizada na zona sudoeste da Beira Baixa, afastada do mar, neste sentido “talvez desde o século XII, com certeza desde o XIV, os portugueses empregavam a palavra, grafando-a “sertão” ou “certão”, para referir-se a arcas situadas dentro de Portugal, porém distantes de Lisboa” (CORTESÃO, 1958, p. 28), a partir do século XV o vocábulo passou a ser associado à espaços interiores, situados dentro dos territórios recém-conquistados e dos quais possuíam pouco ou nenhum conhecimento (AMADO, 1995). O termo passou a apresentar-se em diários de viagem, como o de Vasco da Gama, e nos primeiros relatos sobre o Brasil no século XVI, a exemplo da carta de Pero Vaz de Caminha, se tornando uma categoria essencial, mesmo diante de algumas resistências, para àqueles que escreveram e escrevem sobre a história do Brasil.

⁴ Nas descrições de **Koster**, Lagoa Seca se configurava como um pequeno vilarejo onde havia um comércio de milho e farinha. Atualmente essa localidade foi inserida à capital do Rio Grande do Norte, tornou-se um bairro de Natal, com o mesmo nome do antigo vilarejo.

imaginaria encontrar, mas, que por outro lado, se distanciaria das imagens que viria a presenciar em outros momentos da sua viagem sertão adentro.

Tais descrições, no entanto, só ressaltam alguns aspectos naturais na região que, todavia, não são únicas ou exclusivas desses sertões. Os rios intermitentes ou temporários, que são característicos das regiões áridas ou semiáridas do mundo, dentre as quais as caatingas do Nordeste estão inseridas, encontravam-se completamente secos⁵ devido à estiagem.

Enquanto ecossistemas fundamentais para a sobrevivência da população local, os rios serviam não só para a providência de água, seja para consumo humano, dos animais ou irrigação de plantações, mas também como caráter de subsistência a partir da atividade pesqueira. Em anos de estiagem prolongada a maior parte dos rios seca totalmente. Neste período, a pesca é uma forma de aproveitar os peixes que poderiam morrer sem água.

A partir do momento em que o viajante britânico adentra os territórios mais interioranos, é seguindo o leito dos rios que ele segue caminho⁶, mesmo estando os rios secos no período da viagem de Henry Koster, devido aos mesmos serem, em sua maioria, intermitentes, conforme já elucidamos a respeito. De certo, que se houvesse de encontrar vilarejos, pessoas e água, seria nas margens de onde passa os cursos de água. Esta afirmação seria colocada pelo próprio viajante ao descrever os hábitos dos brasileiros, sobre os quais trataremos mais adiante.

Encontrar habitantes ao longo das viagens configurava-se como uma questão de sobrevivência aos viajantes, algo próximo a um porto seguro. Os primeiros sinais da existência de população eram o encontro com os animais como o bode, a galinha, ou outros domesticáveis como os cachorros. Foi através desses animais que Koster e seus companheiros encontraram, habitando uma pequena choupana, isolada de qualquer região que se aproximasse a uma área urbana, com criação de galinhas e cabras, uma velha e duas filhas, o pai estava ausente, pois havia saído de casa em busca de trabalho como única forma de manter sua família que permanece no interior.

Como uma forma de mostrar-se cordial, Koster presenteia a mulher com farinha, jogando milho às galinhas e pagando pela galinha comprada, com dinheiro. Neste momento, ele resalta que muitos viajantes assaltam essas pobres pessoas, deixando clara a inexistência de lei nesses locais mais afastados. A senhora, por sua vez, mostra-se bastante generosa, informando aos viajantes um lugar onde ainda poderiam encontrar relva e algum poço de água que os itinerantes desconhecem e que os moradores evitam apontar a existência.

⁵ Os rios do semiárido nordestino estão assentados sobre solos rasos e pouco permeáveis (litólicos) (AB'SÁBER, 1994/95), o que dificulta o armazenamento de água nesta região.

⁶ Sabemos que Koster sai de Natal seguindo o leito do rio Ceará-Mirim, posteriormente cruza o rio Piranhas-Assu, seguindo em direção à Vila de Fortaleza.

São de número considerável as descrições de vilazinhas abandonadas nos relatos de Koster, essas imagens contrastam diretamente com o de pequenas vilas com número considerável de moradores, a exemplo da pequena vila de Assú, com cerca de trezentos habitantes, que demonstram uma região do semiárido, em que algumas terras ainda parecem conceder a permanência daquelas pessoas, ou melhor, onde o rio Piranhas-Assu concede esta possibilidade⁷.

O rio Piranhas-Assu, por ser naturalmente temporário⁸, estava sujeito a períodos de seca, quando o seu fluxo chegava a desaparecer. Nessas épocas as populações recorriam a cacimbas cavadas no leito seco, cuja água era retirada para o consumo doméstico. Contudo, tais períodos de seca sempre foram intercalados por anos de muitas chuvas, quando o rio transborda e leva destruição para as comunidades ribeirinhas, aspecto este que transforma por completo a paisagem e as concepções do viajante a respeito dos sertões.

Os poços de água, chamados “cacimbas”, são feitos cavando-se de 2 a 3 pés, porém, o mais interessante encontra-se no que está ao redor destes poços, podendo possuir cercas ou não, a presença dessas pode significar muito mais do que a proteção da água dos animais que a tornam suja, simboliza culturalmente o egoísmo. (KOSTER, 1942, p. 120).

As cacimbas então descritas acima, nada mais são do que poços artesanais para depositar água. Por serem mais profundos e com uma largura pequena na superfície, o contato do sol com a lâmina d'água fica limitado àquela largura, o que por sua vez, diminui a evapotranspiração da água, sendo esta uma das estratégias mais eficientes realizadas pelos homens dos sertões para armazenar água naquela época. Em nota, Cascudo revela:

As cacimbas raramente ficam cercadas e a razão não é o desamor ao asseio, virtude que Koster exalta. Trata-se de uma tradição que denuncia o uso dos pastos em comum, livres de defesa e, conseqüentemente, as utilidades adquiridas serviriam a todos. A cacimba cercada é índice de egoísmo e vendo-as agora, já sabemos que o proprietário é civilizado ou a época é de secas, justificando a proibição momentânea pela regular serventia de todo o gado em certas horas. A cacimba, cavada e deixada livre, não poderia estar cercada por se tornar inútil ou exigiria um vaqueiro para dar de beber aos animais. Um ditado sertanejo querendo expressar um avarento, diz apenas: - aquilo é homem de cacimba fechada. (CASCUDO, 1942, p.144).

⁷ O Rio Piranhas-Assu nasce da junção das águas dos rios do Peixes e Piancó na Paraíba e desemboca próximo à cidade de Macau no litoral do Rio Grande do Norte. Outros de seus afluentes são os rios Picuí e Seridó, todos sertanejos e temporários. Recebe o nome de Piranhas-Assu ao passar pelo município de Assu, onde hoje existe a Barragem Armando Ribeiro Gonçalves.

⁸ Atualmente o rio Piranhas-Assu encontra-se perenizado pelo sistema Coremas-Mãe d'Água, e foi escolhido para passar por este processo por entender-se ser este o manancial que proporcionará mais garantia ao sistema projetado. O manancial possui uma vazão média diária de 79,71 m³/s e vazão diária mais frequente em torno de 9,0 m³/s. SECRETARIA de Estado de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Governo Estadual do Rio Grande do Norte. Disponível em: <<http://www.semarh.rn.gov.br/contentproducao/aplicacao/semarh/principal/enviados/index.asp>>. Acesso em 11 de dez. de 2012.

Encontrar esses poços para os viajantes dos sertões eram uma questão de vida ou morte, em especial, aqueles que como Koster não conheciam ou não estavam habituados a caminhar por aquelas terras, bem diferentes de Arruda da Câmara. Encontramos referências às cacimbas dos sertões também na obra de Spix e Martius (1938), que ressaltam o gosto salgado da água potável oriunda de cacimbas, gosto este que Koster experimentou após um longo período sem água: “como ordinariamente, o poço era imundo e salobro, porém não esquecerei jamais com que delícia servi os primeiros goles” (KOSTER, 1942, p. 128). Assim, as viagens seguiam pelo leito dos rios, de poço em poço.

Koster enfrentou ainda a dificuldade em encontrar as cacimbas, assim, pela primeira vez, ao longo dos extensos períodos de caminhada, o britânico resolve experimentar um dos hábitos dos homens do sertão para enganar a sede que até então ele havia resistido, e assim, coloca uma pedrinha em sua boca para estimular a salivação e aliviar um pouco a sede imediata.

As descrições das paisagens dos sertões das caatingas que aos olhos de Koster parecem tão estranhas e tão distantes de sua realidade britânica, bem distinta distanciam-se do olhar de Manuel Arruda da Câmara, que enquanto filho do sertão, nascido nas proximidades do que hoje é a cidade de Pombal, parece conhecer bem as particularidades da paisagem das caatingas, seus relatos, conforme mostraremos a seguir, demonstram intimidade com essa paisagem.

Na longa estiagem os sertões funcionam, muitas vezes, como semidesertos nublados. E, de repente, quando chegam as primeiras chuvas, árvores e arbustos de folhas miúdas e múltiplos espinhos protetores entremeados por cactáceas empoeiradas tudo reverdece (AB’SÁBER, 2003, p. 85).

Por tratar-se de um território que não chega à aridez total durante o período que chamamos de verão, o Nordeste sofre com as chamadas chuvas torrenciais⁹, que Henry Koster relatou, mostrando a transformação gradual do ambiente a partir dos primeiros sinais dessa.

Os rios antes demarcados apenas pela depressão na terra, agora embora não estivessem completamente cheios, já apresentavam-se como um desafio aos que gostariam de atravessá-lo. Nas proximidades de um lugar chamado Sant’Ana, as águas estavam tão altas que os viajantes tiveram que permanecer na localidade durante mais tempo do que desejavam de fato.

Os sertanejos se servem para atravessar os rios, de um curioso aparelho formado de três peças de madeira, sobre o qual se colocam e remam eles mesmos até a margem oposta. Já ouvira falar, sob a dominação de *Cavalête*, mas como não vi um deles, não é possível pretender dar uma descrição exata. (KOSTER, 1942, p. 197)

⁹ Chuvas torrenciais se caracterizam pela grande quantidade de chuva, em curto período de tempo, em uma localidade específica. Cf.: AB’SÁBER, 2003.

Cascudo (1942), no entanto, refuta sobre o que Koster viu como meio de travessia dos sertanejos, pois ao mencionar a uma pintura de Post publicada por Barléu¹⁰ como a representação exata deste meio de travessia, possibilitou a constatação de que na verdade não se trata de um Cavalête, devido às posições em que as pessoas se encontram na representação, de joelhos, seria impossível permanecer assim em cima de um Cavalête sertanejo.

Passado alguns dias os viajantes se deparam com as chuvas:

Tinhamos sofrido vários aguaceiros inopinados, nos dias anteriores e, mesmo não sendo fortes, a relva começava a brotar em vários lugares. A rapidez da vegetação do Brasil é assombrosa. Num bom terreno, caindo a chuva à tarde, no outro dia já existe um leve matiz de verde; continuando as chuvas, os renovos da relva medirão uma polegada, e, no terceiro dia, serão suficientemente longos para que o gado possa pastar. (KOSTER, 1942, p. 190)

As chuvas que Koster se refere, são na verdade bem típicas da região semiárida, assim como a facilidade em o verde reascender na Caatinga ao primeiro sinal de chuva.

Na longa estiagem os sertões funcionam, muitas vezes, como semidesertos nublados. E, de repente, quando chegam as primeiras chuvas, árvores e arbustos de folhas miúdas e múltiplos espinhos protetores entremeados por cactáceas empoeiradas tudo reverdece (AB'SÁBER, 2003, p. 85)

O viajante então passa a observar um novo Sertão e uma vegetação cada dia menos branco. Novos personagens passam a adentrar a vida de Koster e as linhas de seu diário, falamos aqui dos animais, o primeiro deles é o cão que o britânico adquire, treinado para guardar as bagagens dos viajantes. Esta preocupação surge devido à falta de comida da população sertaneja, pois “os moradores já haviam consumido a pequena colheita” (KOSTER, idem, 188), com a chegada das chuvas, vinham a esperança, mas não o alimento de consumo imediato.

A viagem prossegue e é notável que as chuvas presenciadas por Koster, foram chuvas torrenciais¹¹, pois em outras localidades a seca ainda é visível aos olhos dos viajantes:

Os vestígios da sêca (sic.) ainda não desapareceram nessa região, mas, as árvores começaram a cobrir-se de folhas e a relva cresce em muitas partes, suficientemente longa para garantir pasto aos nossos cavalos. A água era sempre rara e má, embora as chuvas as tornassem mais abundante e menos salobra. (KOSTER, 1942, p. 201)

¹⁰ A pintura a qual se refere Koster foi feita por Frans Post, intitulada *O Cavafuga hostis trans fluvium sangalis*. Infelizmente, apesar da pesquisa realizada, não tive acesso à imagem para melhor exemplificar a crítica de Cascudo à citação de Henry Koster.

¹¹ Chuvas torrenciais se caracterizam pela grande quantidade de chuva, em curto período de tempo, em uma localidade específica. Cf.: AB'SÁBER, 2003.

Depois de longos dias de viagem Henry Koster e seus companheiros finalmente alcançam Lagoa Seca, aquele mesmo vilarejo dos princípios de sua empreitada, que antes se encontrava cheio de novos moradores, migrantes da seca, mas que agora apenas eram visíveis os habitantes prontos para abandonar seu pouso e seguir de volta ao Sertão, a esperança da chegada das chuvas nunca abandonara essas famílias sertanejas¹².

Conclusão

Contudo, pudemos observar que as recentes mudanças no olhar sobre a região, por parte de diferentes campos de pesquisa, que vem buscando mostrar as caatingas de uma maneira que a distancia do que os discursos políticos disseminaram ao longo dos séculos XIX e XX e que o senso comum insistiu em reproduzir. Diante das considerações, o presente trabalho buscou contribuir para esse outro olhar sobre a caatinga, buscando para tanto, mostrar que mesmo diante das adversidades climáticas e geográficas, a região já teve seu potencial de desenvolvimento visto e referenciado, isto tudo muito antes das atuais incursões intelectuais, assim sendo, compreendendo que muito desse “novo olhar” na verdade já se fez presente em outros momentos da história da região.

A partir dos relatos de Manuel Arruda da Câmara e Henry Koster, pudemos conhecer um pouco mais de como estes outros observaram a caatinga, surpreendidos pela diversidade de flora e pela potencialidade de uma região que para muitos, naquele mesmo período, não passava de um deserto.

Muito há ainda a ser estudado, este trabalho apresenta-se como um primeiro passo, para uma diversidade de possibilidades de pesquisa no âmbito da história ambiental, da ciência, da cultura e também social.

Os relatos de viagem, então, se apresentaram como uma riqueza para os historiadores do meio ambiente em particular. Marcos Lobato Martins (1997) conclama os historiadores ambientais que se utilizam de tais fontes a levarem em consideração que essas narrativas precisam ser lidas com cuidado, porque, em geral, carregam nas tintas as marcas de determinados preconceitos europeus, como já atentamos anteriormente.

A “literatura de viagem”, enquanto gênero literário, nos apresenta uma série de particularidades, destarte encontrando-se em algum lugar entre ficção e realidade, exigindo que o

¹² Janeiro é a estação das chuvas no Sertão nordestino, e é exatamente pelo fato de que o verão não corresponde ao período seco, que encontramos ali o semiárido e não o árido de outras regiões do mundo. “As chuvas do começo do ano, são chamadas as primeiras águas, e continuam por quinze dias ou três semanas, após isso, o tempo geralmente é seguro até Maio ou Junho, depois desta época até o fim de Agosto, as chuvas são, comumente, mais ou menos constantes. De Agosto ou Setembro, até o começo do ano, as chuvas são raras.” (KOSTER, 1942, p. 202).

pesquisador se debruce na leitura e interpretação de forma a ir além da assimilação de conhecimentos minuciosos sobre o que está sendo relatado nos diários. “A história é direcionada tanto pela maneira como as pessoas imaginam que as coisas são, quanto pela maneira como as coisas realmente podem ser” (PRATT, 1999, p. 17).

Referências Bibliográficas

AB’SÁBER, A. N. “Os Sertões – A originalidade da terra”. In. **Ciência Hoje**, 3(18), 1985, p. 43-52.

_____. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **Falas de Astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino - de problema à solução (1877-1922)**. 1988. (Dissertação de Mestrado).

BARROSO, G. **A origem da palavra ‘Sertão’**. In: Boletim Geográfico. Rio de Janeiro: IBGE, V(52), jun., 1947. p. 401-403.

CÂMARA, Manuel Arruda da. **Obras reunidas c. 1752-1811**. Coligidas e com estudo biográfico por José Antonio Gonsalves de Mello. Recife, Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1982. (Coleção Recife, XXIII)

CORTESÃO, Jaime (Adap.). **A carta de Pero Vaz de Caminha – Primeiro relato oficial sobre a existência do Brasil**. [s.l.]: Empresa Folha da Manhã, 1999.

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. **Raízes da indústria das secas: o caso da Paraíba**. João Pessoa, PB: Editora Universitária/UFPB, 1993.

FOTUNADO, M. L; NETO, M. M., **De como lembrar o semiárido e esquecer o sertão**, 2010

KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. trad. e notas L. C. Cascudo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942. [orig. 1816]

LUETZELBURG, Phillipp von. **Estudo botânico do Nordeste**. Inspetoria Federal de Obras contra as secas, série I – A/ publicação número 57. Rio de Janeiro 1923 (3 volumes).

MARTINS, Marcos Lobato. **História e meio-ambiente**. São Paulo: Faculdades Pedro Leopoldo, 1997.

NUNES, Duarte. **Ortografia da língua portuguesa**. Lisboa: [s.n.], 1784.

POMPEU SOBRINHO, Thomaz. **História das secas: século XX**. Mossoró, RN: Fundação Guimarães Duque, 1982.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Bauru, SP: Edusc, 1999.

VIANA. Urbino de Sousa. **Bandeiras e sertanistas baianos**. São Paulo: Campanha Editora Nacional, 1935. Disponível em: < <http://www.brasiliana.com.br/obras/bandeiras-e-sertanistas-baianos>>. Acesso em: 14 jan. 2013

